

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

DELFIN DE NORONHA

1.ª SERIE

LISBOA 24 DE FEVEREIRO DE 1881

NUMERO 9

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

As RIBALTAS E GAMBIARRAS saem todos os domingos, contendo cada fasciculo 8 paginas, custando avulso 20 réis e por assignatura de 25 numeros, entregues em casa, 500 réis. Depois de publicados 52 numeros, correspondentes ao anno, a Empresa offerecerá aos seus assignantes uma capa, destinada ao volume, sendo a paginação a seguir, feita com este especial intuito.

O volume, contendo 416 paginas, custará avulso 1\$200 réis.

QUESTÃO LITTERARIA

Em homenagem ao nosso eminente collaborador, o sr. Camillo Castello Branco, damos hoje um numero extraordinario, expressamente destinado a inserir a resposta do grande romancista ao artigo do sr. A. da Conceição, que publicamos em seguida.

O sr. Camillo Castello Branco e a sua Corja

Urge resumir os pontos capitaes d'esta divertida discussão, que o sr. Camillo Castello Branco forceja por desviar do seu objectivo principal enredando-o em incidentes picarescos, entre os quaes avulta pelo comico o caso do macho que esteve a ponto de comer um braço ao grande homem n'uma cavalharia do Minho, onde sua ex.^a dormiu á solta uma noite, enchendo-se talvez ali d'aquellas palhas que o denunciaram ao nosso tacto como um verdadeiro espantelho; e o caso igualmente coeguento de sua ex.^a nos aconselhar n'esta polemica o uso das luvas, elle, Camillo, o fino Camillo oriundo das terras da Samardam!

Esteja sua ex.^a descansado. Possuimos as sufficientes noções da prophylaxia dos Camillos para nos não aventurarmos n'uma discussão d'esta ordem sem as necessarias precauções hygienicas. Não só calcamos as luvas antes de encetar esta discussão, mas até nos munimos com um frasquinho de acido phenico, na previsão d'uma septicemia provavel. A litteratura nacional ainda não teve um Pasteur que estudasse as propriedades infecciosas dos organismos microscopicos que n'ella pullulam. Mas a nós basta-nos o nosso fino olfato para nos certificar de que ha n'ella largos pantanos, e por isso nos premunimos com aquelle antiseptico antes de nos lançarmos n'esta perigosa e despremiada travessia pelos charcos da polemica litteraria com o sr. Camillo, auctor da *Carta a madame Ralazzi* e de outras sujidades memoraveis.

Feita esta benevola advertencia ao cuidado que o sr. Camillo parece nutrir no seu magnanimo peito pela nossa saude, ameaçada com effeito de sossobrar á invasão de alguma pyohemia adquirida por contagio n'este contacto semanal com podridões, nós entramos pacificamente em materia no proposito firme de não desgostarmos sua ex.^a com qualquer phrase menos merecida e por isso menos conveniente. Ora pois.

Resumindo portanto a discussão, temos: Que o sr. Camillo Castello Branco, romancista laureado, escreveu dois romances no piedoso intuito de aniquilar pelo ridiculo, com todo o peso do seu nome e com todo o vigor dos seus adjetivos, dois escriptores nacionaes, cujo talento não ousa negar, mas cuja reputação pretende deslealmente prejudicar, malsinando-os á ignorancia da maioria dos seus leitores como romancistas impudicos e exagerando grotescamente e acintemente alguns dos defeitos da escola de que esses escriptores são os mais altos representantes na litteratura portugueza,

para envolver no mesmo descredito os escriptores e a escola, os artistas e a arte, os sacerdotes e o culto.

Temos mais que o sr. Camillo, ao passo que punha todos os restos do seu talento ao serviço d'esta causa santa de exterminar os revolucionarios, que ousavam sahir para fora da rodeira traçada na litteratura nacional pelo seu carro de triumpho, afagava a esperanza de levantar os seus creditos abatidos, já pela popularidade crescente d'esses escriptores, já pelo canção do publico enfasiado de vêr perpetuamente nos mesmos romances do sr. Camillo as mesmas tolices dos mesmos brasileiros nos mesmos casos do mesmo commendador nos mesmos amores da mesma adultera na mesma paisagem do mesmo cartão.

O publico começava a bocejar de tedio e então o sr. Camillo safou-se de mansinho para sua casa, subiu muito sorrateiro para o seu quarto, carregou apressado as suas pistolas e appareceu de subito na janella a dar tiros de polvora secca para chamar a attenção dos transeuntes, justamente como Proudhon no pittoresco dizer de Pelletan.

Depois quando nós, que passavamos tranquilamente na rua, lhe dissemos para a janella:

—Homem, accomode-se lá com esse tiroteio. V. ex.^a é um homem sisudo, um litterato de polpa, um romancista de grandes creditos, e esses exercicios são improprios da sua idade... Tenha juizo...

O sr. Camillo, raivoso e apopletico, correu para dentro do quarto e appareceu de novo á janella com o seu vaso de noite nas mãos. Mas quando ia, cego de colera, a atirar-nos com elle partiu-se-lhe a aza e o bom do homem ficou no nojento estado em que o publico ahi o vê; uma porcaria lastimosa e ridicula. O publico ainda se está rindo do comico successo, mas teve de tapar os narizes por que o cheiro empestou toda a rua.

Camillo, em berros descompostos e cheio de gestos desesperados e grotescos, continua á janella e jura pela divindade do seu querido Jesus, que elle evidenciou, que ha de estar alli dez annos, n'aquelle estado, sem se despir nem lavar! Dez annos a berrar, a gesticular e a cheirar mal! É muito! Homem! Mas isso não póde ser! V. ex.^a que é um sabio, talvez ignore que ha medidas policiaes, preceitos obrigatorios de hygiene publica que não permitem que qualquer cidadão faça assim de uma janella *montre* de immundicies, *vitrine* de sujidades, exposição permanente de porcarias. Vá-se lavar, homem, mude de roupa e depois discutiremos pacificamente como bons burguezes que somos o seu caso. Talvez v. ex.^a tenha rasão, que diabo! Eu estou disposto a fazer-lhe todas as possiveis concessões; mas n'esse estado bem vê que é impossivel conversarmos dois minutos sem me causar engulhos.

V. ex.^a jura que é realista? Mas realista como o conde de Bastos ou como Flaubert? Realista como o Telles Jordão ou como Zola? Sim, é preciso que nos entendamos a este respeito. Que não vá eu argumentar-lhe com Alphonse Daudet e v. ex.^a me contraponha o sr. Pinto Coelho. Que não vá eu fallar-lhe em suggestões philosophicas, positivismo, psycho-physiologia, arte moderna, critica scientifica e cousas e tal... aquillo a que v. ex.^a tão engraçadamente chama engoiadas maravilhas — uma phrase classica de chucharrubio! — e v. ex.^a me responda com as *Ordenações do reino* ou com a *Floresta* de Bernardes. Sim, porque eu estou n'esta que as *Ordenações do reino* não percebem nada de critica de arte e que o Bernardes era simplesmente uma besta em questões de physiologia. Em critica de arte, francamente, dou muito mais por Taine do que pelo João das Regras e em physiologia um pouco mais pelo Claude Bernard do que por Jacinto Freire de Andrade ou mesmo do que pelo proprio padre Antonio Vieira. Tomei este geito desde que fui

atacado das bexigas doidas do positivismo e escusa v. ex.^a de embirrar comigo que me não dá volta.

A proposito de positivismo dir-lhe-hei aqui caridosamente á puridade que se fartou v. ex.^a de proferir ineptias n'esta sua ultima carta. Quem souber, peço que seja, de historia da philosophia moderna, ha de suspeitar que v. ex.^a, um homem sisudo, quer disputar os louros, ou os lóros, ao padre Senna Freitas que anda na *Ordem* a jogar coices aos positivistas de Coimbra. Não se metta v. ex.^a n'essas folias, cada um é para o que é, ou para o que sabe, e v. ex.^a realmente não sabe tudo. Se v. ex.^a, por exemplo, se desse ao trabalho de ler um excellent artigo de Julio de Mattos—um positivista que por excepção v. ex.^a tem na conta de intelligente—publicado no n.º 2 do 2.º anno do *Positivismo*—uma peste que se publica ahi no Porto, onde Samodães floresce—ácerca do livro que v. ex.^a cita de André Poey *Mr. Littré et Auguste Comte*, lá veria que tal livro é simplesmente um libello diffamatorio de um imbecil malevolo. Mas é a esta auctoridade que v. ex.^a se soccorre para provar, pelo mesmo processo com que tem provado muito outra cousa, que Littré, um dos mais austeros pensadores da França contemporanea, é um inepto e um torpe conjunctamente com todos os que o respeitam como homem e como mestre e que se chamam Wieroubof, Charles Robin, Paul Bert, Naquet, Victor Arnould, Robert, Bourdet, Lucien Arreat, Robert Ihalt, Antoine Ritti, Eugene Noel e cem outros trabalhadores honestos, sabedores e intelligentes!

Vem d'além de S. Miguel de Seide o Camillo da Samardam e diz para toda esta gente, as primeiras illustrações francezas e como taes as primeiras illustrações do mundo:—Vocês, seus philosophos positivistas, seus chemicos, seus medicos, seus economistas, seus publicistas, seus homens de sciencia emfim, são uns asnos, e só eu, o Camillo do Divino Jesus Maria José, é que sou um alho... e aqui tens e ora aqui está!

E Camillo da Samardam traça a capa das velhas proezas lyricas, põe á banda o antigo chapéu romantico, avança a tibia perfurante saudosa do minuete, arqueia o peito sensível e desafia o mundo a que ouse contradizel-o, que se atreva a beliscal-o que o esmaga logo ali, que o põe mais raso que a lama, que o faz em sisco, que o desgraça, que o aniquila, que o pulverisa, que o extermina, que o evapora, que o some!

Es terrível, homem Camillo, Camillo da Samardam, Camillo do Divino Jesus!

Comerás tu baleia ao almoço? Saborearás tu perna de leão ao

jantar? Terás tu na alma immortal os mesmos cabellos que Samsão tinha na cabeça?

Dá-nos o segredo da tua força, Golias! Explica-nos o enigma do teu valor, Poliphemo! Apresenta-nos os titulos da tua infalibilidade, pontifice!

E depois deixa o positivismo, cruel! Tem dó d'elle, ingrato! Camillo, larga o positivismo!

Tivemos a ingenuidade de tomar a sério o sr. Camillo, mas penitenciamos-nos hoje publicamente d'essa ciancice. Temos aqui as peças d'este corpo de delicto feito á sua inopia como critico e á sua má fé como escriptor: os seus dois ultimos romances com o competente prologo da primeira edição do *Eusebio Macario* e os seus artigos a proposito d'esta polemica. Destrua estas provas, se pôde.

Enquanto o não fizer nós, a cada berro de s. ex.^a, havemos de pôr-lhe uns entrolhos de papel, a cada esgare uns collarinhos de gazeta, a cada gesto um tisnete de cortiça queimada, a cada pulinho de raiva uns bigodes de estopa. E fica assim um pimpãozinho!

Escusa de gritar por socorro que Silva Pinto não lhe acode. Dê-se ao trabalho de lêr d'este escriptor o folheto—*Do realismo na arte*—e verá que elle expõe ali com lucidez e consciencia, ácerca de arte realista, justamente as mesmas idéas que eu ainda não conseguí fazer perceber a v. ex.^a

Silva Pinto denomina correctamente os dois grupos em que se acha dividida a escola realista em grupo dos psychologistas e grupo dos physiologistas. V. ex.^a, a seu turno denomina tudo isto *engoiadas maravalhas*, uma phrase com papeira academica de doutor em canones e pigarro ecclesiastico de conego regrente.

Silva Pinto depois publicou o pequeno volume dos *Realismos*, não para ridicularisar a escola, mas precisamente para o contrario, para matraquear uns idiotas grutescos que lhe andam arriscando o futuro e a dignidade com umas imitações inscientes, ignaras e servis. Quer dizer: Silva Pinto tem o merecimento de ter sido o primeiro soldado da nova milicia a romper este fogo em que eu ando agora empenhado.

Não sei se me expliquei claramente... V. ex.^a o dirá ao mundo, que o admira. Correctamente sei que não, mas a tanto já nem eu aspiro, mesmo por que não é este o meu officio. Leve-me em conta a minha qualidade de simples curioso nas letras.

O que procurei foi não ser desagradavel a s. ex.^a com qualquer involuntaria inexactidão.

E então... adeusinho até mais ver.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

FOLHETIM

OS DOIS PANTUFOS

PERSONAGENS

RODOLFO (compositor de musica)

EVA (*chanteuse de couplets*)

A scena passa-se em um ninho de amor, nos suburbios de Paris

Havia anno e meio que elles se amavam, como se amam os que são moços. O menor incidente pueril alegrava-os ou entristecia-os.

Eva era branca, loira, franzina, caprichosa, tal qual o retrato da sua progenitora, a avó do genero humano.

Rodolfo era moreno, nervoso, arrebatado, ciumento e por cima de todas as cousas, musico.

Não sendo nem pobres nem ricos, viviam do producto de romances ternos, vendidos aos editores e alugados por estes aos cafés-concertos.

O exito brilhante de uma sonata, identica ao *l'Amant d'Amanda*, alcançara-lhe uma forte somma de dinheiro, mediante a qual adquiriram a posse de um delicioso pequeno ninho embuscado no bosque de Boulogne, cerca de Saint-James.

Adoptando o conselho do sabio: «esconde a tua vida», os dois namorados velaram a sua felicidade em espesso cortinado de pinheiros e choupos.

O preceito, porém, que pecca pela base, não tardou a exemplificar os seus funestos effeitos.

Obrigados a contemplarem-se mutuamente, em *tête-à-tête*, acabaram por questões sem treguas, cujo motivo era a saciedade definida por Catullo, que trazia a cada passo implicações sem importancia, nascidas de ninharias é verdade, mas discutidas com lagrimas. Lagrimas dos vinte annos! que uma palavra provoca, que um beijo absorve, terminando a questão como se nenhuma dissidencia tivesse havido.

Com o correr do tempo, degenerou esta polemica, incessantemente renovada, na idéa fixa da separação de corpos. Quantas vezes Rodolpho e Eva se tinham já separado? Nenhum d'elles o sabia; mas a cada nova desavença, tinham jurado não se tornarem a reunir. Não ser mais o ente amado, que impossivel!

Talvez não ignores, leitor, a historia do humorista que fatigado da vida de Paris, e repisando as phrases de João Jacques Rousseau, repetia todas as manhãs, durante seis mezes, a mesma arenga:

—D'esta vez é certo, cidade de fumo e de lama, deixo-te o mais tardar amanhã! Parto para a America.

E no dia seguinte, apromptava a mala, enchia as algibeiras de ouro, punha o chapéu de viagem, despedia-se dos amigos, assobiava ao cão, collocando-se ambos em ordem de marcha. Só lhe faltava occupar o primeiro trem de praça, d'ahi passar para o primeiro wagon e de lá para um paquete. Todavia, ao abrir a janella para consultar o tempo, o nosso homem, tão resolutivo, hesitava ao divisar no espaço uma nuvem negra, envolvendo o firmamento.

Em seguida, os primeiros pingos de chuva começavam a fustigar-lhe os vidros.

—Máu! dizia elle arrumando as malas; esperarei que passe a tempestade. Ainda não posso partir hoje!

E não partia nunca!

O SR. CONCEIÇÃO-CORJA

Abro um parenthesis para uma pessoa discreta que me vae lér e deplorar. Esta substanciosa controversia com o sr. A. da Conceição originou-se da injustiça com que fui accusado de hostilizar pela irrisão dois escriptores que descrevem as coisas e as pessoas como ellas são ou podem ser. Contestei com provas escriptas que admirava os dous escriptores realistas e outros da mesma phalange; mas nem me perfilei immodestamente ao seu lado, nem me gabei de usar os modernos processos com conhecimento de causa. Pareceu-me que o realismo se podia exercitar sem estudos previos, por ser facillimo com observação e estylo descrever a verdade das coisas physicas e ter das moraes uma intuscepção mais ou menos aproximada da realidade. Offereci esta opinião, e ousei dizer que as minhas ultimas novellas, tirante os vicios acintosos do estylo estragado pela imitação, não significavam apostasia da minha velha escola; mas sim a reincidencia de um mão genero que eu tinha ensaiado ha muitos annos com desagrado do publico. Replicou o sr. Conceição que eu não entendia o realismo, que era um inepto se pretendia mudar de systema, alistando-me com os positivistas, com os evolucionistas, uns por que eram psychologos, outros por que eram physiologistas, e eu não podia ser isto nem aquillo, por que era um velho romantico, catholico e quinhentista. Refugadas as chocarrices e as toleimas, a questão é isto.

Ora eu não tinha o desvanecimento de formar hombro a hombro de quem quer que fosse. Fiz esses dois frivolos livrecos cuidando que sociologicamente ninguém lhes dava mais importancia do que eu dou aos romances banaes dos escriptores eminentes; por que eu não creio que as novellas desde Lucio de Patras até Emilio Zola tenham feito bem nem mal ao genero humano.

Mas o sr. A. da Conceição, cujo melindre de escriptor sertanejo eu nunca beliscára, e pelo contrario amimei com extraordinarias caricias no *Cancioneiro alegre*, tomou a peito vingar uns idiotas mais innocentes do que elle, e nivelou-se barba por barba com uns inxovedos que eu, de passagem, ia resvalando com o pé ás sargetas conforme os topava no meu caminho. Inflado de orgulho e das selvagerias de uma educação reles, este philosopho que não poderia resistir a um serio exame de portuguez, concebeu do sr. Theophilo Braga, como de um philopædico ideal, um velho rancor vingativo que o poz em grande emprehensão, como diz o fr. Amador Arraes.

Depois, no parto laborioso, umas parvoçadas sahiram de seu,

Dizem que a geração moderna é sceptica e voluptuosa. Não ha nada mais verdadeiro. Mal sabendo d'onde vem, ignorando com toda a certeza para onde vae, é por isso mesmo factu irresoluta e vacilante.

Se fórmos a casa de qualquer pessoa, notaremos sempre que ella não sabe tomar um partido definitivo mediante uma resolução energica.

O desencanto era o estigma impresso na fronte do *René* de Chateaubriand; a duvida era o defeito ou fraquesa do poeta que escreveu a *Confession d'un enfant du siècle*; a irresolução é o defeito dos homens de hoje, e apoz tantas revoluções, guerras, decepções, ardis, sombras e miragens, como é que o espirito humano não ha de fluctuar no cahos da incerteza?

O homem descontente, que quer ir e não vae á America, é um homem irresoluta.

Dava-se o mesmo caso com a separação de corpos de Rodolpho e Eva. Sempre que em seguida a uns arrufos ephemeros resolviam acabar com o *ménage*, entabolava-se o seguinte dialogo no momento da partida:

Eva — D'esta vez, senhor, creio que é certo?

Rodolfo — Seguramente; a separação é inevitavel.

Eva — Pois bem, separem-nos!

Rodolfo — Para todo o sempre, minha flôr.

Eva — Para sempre, monstro!

Rodolfo — Seja; toca a mudar!

Eva — Vamos a isso!

As obras seguiam as palavras. Revolviam os trastes, desarrumavam o quarto, entrouxavam o fato e depois...

Depois, desmanchavam as trouxas para d'alli a dias tornarem a fazel-as.

outras arranquei-lh'as a forceps, e agora força me é assistir á podridão das secundinas que tresandam. Tal é a minha triste situação e a do paiz que assiste, de venta apertada, a este incidente pathologico.

O peor é que não pôde demorar-se o espirito n'uma intercendencia de seriedade com o sr. Conceição. Quando assume ares graves é contar com uma aleivosia boçal. Onde leu este homem que eu tratasse de torpe e inepto o respeitavel *Litré*?! O que eu fiz foi trasladar a energica arguição de um seu correligionario como documento do fraternal amor que une e unge os positivistas nas suas ágapes religiosas. A verdade é esta. André Poey accusa Litré de se mancommunar com a viuva Comte no libello dado contra o marido defuncto. Vem o sr. Conceição e diz na Figueira que Poey é um biltre; mas, se Poey denuncia um factu verdadeiro, que se hade concluir? Que Litré foi um caracter honesto, acamaradando-se com a viuva na diffamação de A. Comte, e que Poey é um torpe revelando os opprobrios do hierophante do positivismo delatados á posteridade por sua esposa chorosa. Mas eu tambem considero Litré um caracter de fina tempera, e a viuva uma virtuosa senhora, e seu marido um excellente defuncto, e a philosophia de todos tres uma quinta essencia da philosophia dos honestos, excepto quando o advogado da authora contra o réo já em putrefacção, exclama: *M. Comte a trois anges: 1.º Madame de Vaux; 2.º sa gouvernante, ou plutôt sa cuisinière; 3.º je n'ose, M. le président, ajouter que M. Comte a compris sa mère dans une telle compagnie.* Aqui, se não ha infamia que conspurque os tres personagens do letigio, ha um ridiculo que põe em perigo a seriedade philosophica do personagem morto e do vivo. Mas, se Comte é calumniado, que se dirá do calumniador? Decidam e contem com o meu acatamento ao relevante genio de Litré, concedendo-me que eu seja menos parvo que o preciso para lhe fazer o criticismo das suas theorias.

Vamos ao essencial dos artigos do sr. Conceição, e particularmente do ultimo. Principia por tirar bem bom partido da palha. Eu logo vi. Conta que eu *uma noite dormi á solta n'uma cavalhariça do Minho enchendo-me ali d'aquellas palhas que me denunciavam ao tacto d'elle.* Parece que está a gente lendo um trecho rutilante da graça sardonica de Sterne! Tenho-lhe inveja a esta retaliação em que o arguto remoque se dá os pés com a sagacidade do argumento. A graça está a pojar da cavalhariça que elle faz substituir o palheiro. O homem teve de inventar a manjedoura para arranjar o gracejo. Depois, espojou-se em cabriolas. O que é certo é que o

No bonito e elegiaco romance, *Marianna*, Julio Sandeau especialisa, com uma complacencia de phisiologista, uma scena da vida intima que dá em resultado a separação de dois amantes. Ao descrever a confusão da mudança, o romancista acrescenta:

«Creio que não ha espectáculo mais desolador n'esta vida!»

É mister ter soffrido muito para saber escrever aquella phrase.

Este episodio triste da *Marianna*, este capitulo da separação, lêram-o Rodolfo e Eva durante a lua de mel. Mesmo que o não tivessem lido, recordavam-se de o haverem representado, o que o tornava ainda mais pungente. O aspecto das mudas testemunhas da sua felicidade impressionava-lhes os olhos e commovia-lhes as almas. Uma vez até chegaram a dizer:

— Não devemos provocar a separação: é uma comedia dolorosissima!

Mas, Deus meu! quem bebeu, beberá sempre. Quem amou, não deixa nunca de amar. Quem cultiva questões, questiona por uma bagatella. Horacio bem o demonstrou no *Donec gratis eram.*, de que Molière extrahiu o *Dépit amoureux.*

Que gostinho haverá em provocar arrufos, ordinariamente seguidos de reconciliações?

— Provavelmente o empenho consiste em duas almas poderem torturar-se reciprocamente.

Não tirando o menor proveito nem da obra-prima de Julio Sandeau, nem da propria experiencia, Rodolfo e Eva encetaram a vigesima desavença. E justamente para dar mais força á situação, o musico pôz-se a quebrar uma pequenina chavena de Sévres.

Ainda mal! mas o mais sereno espirito quando se zanga, quebra sempre alguma coisa!

Eva — A minha chavena de Sévres quebrada! (*severamente*) Se-

sr. Conceição, depois de muito apertado pelas rozetas da espora, deitou espirito. Já aconteceu isso ao lendario burro de Apuleio, o encantado burro, que depois que comeu as rosas, regenerou-se, e voltou á forma humana, chalaceando com as matronas. N'um arranque de Rabelais, o sr. Conceição chamou-me *Camillo da Samardam*; e, com outro arranque de Swift, chamou-me *Camillo do divino Jesus Maria José*. Obriguei-o pois a ter ditos agudos. Salguei este enorme semsaborão que parecia manipular as suas cataplasmas literarias no antro de Trophonius. Constituíram-me os deuses o Moisés d'aquella cabeça de granito. O legislador dos hebreus tocou o penêdo com a vara e fez golfar uma fonte limpida; e eu, á força de lhe friccionar o casco do rijo craneo, extrahi-lhe duas cristalinas chalaças que se perderiam ineditas, se eu lh'as não bascolejasse no cerebro, sacundindo-o pelas orelhas. Na minha longa vida, não tenho outra façanha de que me gabe. Espremar um tofo até ao ponto de o fazer rebenotar em phrases engraçadas, é a primeira que me succede. Balaão não conseguiu tanto fazendo fallar o burro, por que a biblia não diz que o burro tivesse espirito.

E se não fui eu que lh'o inculci, onde foi elle beber as finas essencias d'aquellas duas laraxas? Diz, talvez, o ingrato que não fui eu quem lhe fez supurar o chiste;—que bebêra o seu espirito n'outra fonte, e aponta-me para estas linhas do seu artigo: *O sr. Camillo, raivoso e apoplectico, correu para dentro do quarto, e appareceu de novo á janella com o seu vaso de noite na mão*.

Bem sei, velhaco, bem sei. Quer dizer que hauriu o seu espirito no tal vaso. Que lhe preste; e eu inclino-me a crê-lo. Tão garridas flores de graça attica não poderia florejal-as o seu talento sem taes adubos. Pois continue a estrumar-se e a florecer á custa das decomposições albeias, seu porco!

Cavemos um pouco na chalaça. Por que me chama elle *da Samardam*? Quer expor-me á hilaridade da Europa denunciando a minha humilde origem no concavo de uma serra trans-montana? Tenho pesar em desmentir o parvocirão. Nasci em Lisboa e fui baptisado na igreja dos Martyres. Está resolvida a questão perante a posteridade no letigio que hade correr entre Samardam e Lisboa. Que os postereros desprezem o falso testemunho d'este philosopho de Trancoso.

Segundo elle, eu assomara á minha janella com o tal vaso n'uma grande irritação *por que o publico se enfastiára de ver as tolices dos meus romances*. Isto escreve o sr. Conceição n'este mez; mas, no mez passado, tinha escripto: *O sr. Camillo Castello Branco cujo*

talento litterario e elevação artistica são de primeira ordem... Escriptor de raça... Um gigante que ficou em livros immorredouros toda a comedia portugueza contemporanea. Ora, realmente, se eu desse com o tal vaso na cabeça d'este critico, em vez de lh'o esmolar como fonte de juvence do seu espirito canhestro, andaria muito melhor, embora sacrificasse os 440 réis da taça das suas pilherias.

Ainda bem que eu agora já não receio nada absolutamente d'elle. Todo homem, por via de regra, tem uma certa e determinada porção de facecias. Uns dispendem-nas em dozes moderadas; outros expluem-nas d'um jacto até dois.

Este Conceição, chamando-me *Camillo da Samardam*, deitou d'uma golfada tudo quanto podia dar da sua originalidade, e, chamando-me depois *Camillo do divino Jesus Maria José* exhibiu tudo quanto plagiou na corrente dos satyricos eminentes desde Juvenal até Henri Heine. Ah! esta girandola de gargalhadas não pode ser d'elle; Trancoso não dava isto; aqui ha roubo; se não é de Cervantes a coisa, é de Voltaire. Um homem da estatura d'elle pode duplicar os couces, mas agudezas assim aos pares não podem ser originaes. Mas eu acho indigno e pelintra que o sr. Conceição ande a respigar facecias immortaes em livros humoristicos para me offerecer em pabulo á risada publica. Já me tinha chamado mordentemente o *deus de S. Miguel de Seide*. Confrangi-me debaixo d'este látego de chascos, e faregei o chiste hellenico de Luciano ou de Aristophanes; mas não lh'o atirei ao rosto por um resto de amor patrio; custa-me immenso delatar de plagiario um escriptor meu conterraneo—tenho certo orgulho antigo de boa camaradagem com os parvos, contanto que elles sejam bem nacionalmente typicos. Depois, a proposito de não sei quê, exclamou n'outro espirito de espirito violento: *Acomoda-te, leão!* Outro abuso de espirito forçosamente plagiado, se é que lhe não occorreu certa fabula em que um dos personagens é o leão moribundo. O outro é com certeza o sr. Conceição para completar a allegoria.

Quando, a proposito de não sei quê, lhe fallei de escarro com preferencia ao apito, o homem, a 30 leguas de distancia, deu-se ares pimpões de ameaçado pelas minhas *fanfarronadas de valentão*. Não pense n'isso. O escarro e o assobio eram rhetorica. A minha arma é esta caneta de 10 réis. Nunca teremos de nos esgrimir n'outra estacada. O sr. Conceição é que não usa estylo figurado. Quanto ao apito, *aconselhamos-lhe* (escreve) *que não faça uso d'elle porque se a policia acudir pode lembrar-se de ajustar comsigo velhas contas em aberto*.

nhor, poupe-me o odioso de semelhantes violencias. Escusa de quebrar o que não é seu. Não precisa de pretextos. Acabemos com isto!

Rodolfo—Sem duvida, acabemos! Bem sabe que é isso mesmo o que eu quero.

Eva—Porque o não disse ha mais tempo?

Rodolfo—Não gastemos palavras inuteis, visto que estamos de accordo. D'esta vez não será brincadeira de creanças.

Eva—Assim o espero.

Rodolfo (*Pegando no chapéo e dispondo-se a sahir*)—Adeus. Espero que nunca mais nos avistaremos.

Eva—Um momento!

Rodolfo—O que deseja?

Eva—Se o torno a chamar não é para o prender, pelo contrario. É para lhe pedir que leve tudo que lhe pertencer, objectos de arte e lembranças.

Rodolfo—A senhora insulta-me! Bem sabe que a não ser um ramo de violetas murchas, nada aqui me pertence; tudo é seu.

Eva—A resposta é de cavalheiro, mas nem por isso me convence. Ha um motivo especial para que o sr. não deixe de maneira alguma de levar comsigo os objectos do seu uso.

Rodolfo—Que motivo?

Eva—O de não querer vêr nada que me lembre a sua pessoa. Leve, leve tudo, e obsequiar-me-ha infinitamente.

Rodolfo—Já que tanto insiste, obedeço. Tratemos de repartir.

Eva—Isso mesmo! Dividem-se dois quinhões: o da direita para o senhor, o da esquerda para mim. Vejamos estas duas estatuetas: *O primeiro segredo de Venus* e uma miniatura da Venus de Milo.

Rodolfo—A rapariga é sua, a Venus é minha.

Eva—Seguem-se os instrumentos: a harpa é sua, o piano é meu.

Rodolfo—Vamos á bibliotheca: dez volumes, entre romances e livros de versos.

Eva—Cinco para cada um.

Rodolfo—A cômoda da roupa branca...

Eva—Em troca do armario de espelho. Ah! é verdade, e os pantufos arabes?

Rodolfo—Sim, Eva, os pantufos comprados em Granada, na Alhambra, a uma cigana velha; os pantufos que a senhora aformoseou com a sua agulha de fada! Para quem deverão elles ser?

Eva—É impossivel dividil-os sem os depreciar completamente.

Rodolfo—E entretanto é mister repartil-os, como tudo mais.

Eva—O proprio Salomão, se tivesse de sentenciar este pleito, ficaria perplexo. É forçoso que um de nós obtenha o par completo.

Rodolfo—Pois bem! Façamos sortes. Approva?

Eva—Está dito!

Chegados a esta critica situação, o musico olhou para ella, ella olhou para o musico. Uma lagrima de opála tremia suspensa das longas pestanas de Eva. Era demasiado!

Rodolfo, largando o seu quinhão, enlaçou o pescoco da formosa rapariga e disse-lhe:

Os pantufos ensinaram-nos que os casaes não devem nunca separar-se.

Optimamente! O peor é que a scena não deixará de repetir-se pelo mesmo uma dusia de vezes, embora fique sempre incompleta.

O auctor ao publico, fallando em nome de moralidade:

Grandes e pequenos, feios e bonitos, ricos e pobres, todos vós que correis o risco de vos separardes, tende sempre em casa um par de pantufos!

Trad.

PAULA RAMANZI.

«Ajustar *comsigo*.» Em pronomes pessoas está n'esta miseria o philosopho. *Comsigo!* O ignorante provavelmente mette mais esta asneira nos rosarios que lança ao pescoco dos innocentes typographos. Nunca soube declinar pronomes. Dedicou as *Alvoradas* a seu pae—o III.^{mo} sr. (escreve elle) *Bernardino Simões da Conceição*; e, dirigindo-se ao mesmo III.^{mo} Sr. seu pae com tanto desprezo da democracia republicana como da grammatica nacional, diz-lhe:

«Eu pois que vejo *em si* a imagem reflectida
Do Deus, sol da minh'alma, a flor d'alma lhe dou.»

Dirigindo-se ao seu III.^{mo} pae não devia dizer *em si*; devia dizer *em vossa senhoria*. Pode-se asneiar nos tratamentos; mas na grammatica lavra mais fino. Um pae perdoa todas as babozeiras que lhe offerta um filho; mas a lingua mãe é tão veneravel como o proprio pae.

Quando relanceio os olhos pelos artigos do sr. Conceição, como quem se disciplina nos impetos sanguineos da sua vaidade, noto que as injurias se atropellam a imitar Homero quando põe Achilles a chamar cão damnado a Agamemnon, no I canto da *Iliada*. Elle chama-me nomes truculentos desde velho urso até besta que *disputa os loros* não sei com quem. D'esta vez chama-me Goliath e Poliphemo, nomes com que seriamente embirro. Depois, o verdugo, para me dar folga das injurias ferozes, deriva ao tom carnavalesco. Falla-me da minha *tibia perfurante*; que me hade pôr entrolhos de papel, *collarinhos de gazeta*; que me hade pôr *tisnetes de cortiça queimada e bigodes de estopa*. Tal é o programma. Tenciona o scelerado pôr-me n'este preparo! Com este plano de gaiato que tenciona entruar comigo, varia as insinuações desbragadas. *Que tenho contos com a policia*, que frequento *alcovas suspeitas*; manda-me *engolir porcarias*; e, quando parece que não deve ter mais peçonha na alma, vibra-me o dardo de me chamar *Camillo da Samaritam*, e do *divino Jesus Maria José*.

Em vista pois das palavradas que elle me tem desembestado, gria de cazerna, chacotas de arriero, e em fim, esgares de faia em bordel, não poderei mais chamar-lhe *Conceição Immaculada*.

D'hora ávante fica sendo a velha *Conceição Capellista* de fraque.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

21 de Fevereiro.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Trazia na frente, ao nascer, o sello do genio: teceu-lhe a sociedade o diadema do martyrio. Enfaixou-o o anjo da arte nas mantilhas d'aurora; cospe-lhe a inveja na face os improperios da desesperação.

Pelos vôos do genio, pelas asperesas do estudo, pelas agruras da meditação, por improbo e aturado trabalho creou para si mesmo o throno da gloria; os contemporaneos erigiram-lhe o Calvario, e chegam de hora a hora, de dia a dia, de anno a anno a esponja do fel e o calix da amargura a seus labios crispados pela febre do soffrer, pela sede de intensa agonia, pelas sequidões da lucta incessante.

Quando a poesia murmurava a seus ouvidos os cantos matinaes, perfumados da essencia de todas as flores, aljofrados de todas as perolas da alvorada, repassados de todos os esplendores sideraes, os phariseus da inveja, agruparam-se em roda do grande genio, cujo esplendor os offuscava, e soltaram o cantico bachico, o evohé de saturnal immunda, arrojando o lódo das affrontas ao sol, que ascendia ao seu zenith e illuminava o horisonte da patria.

Miseraveis!

A historia do genio é sempre a mesma; correm parelhas no destino os grandes homens.

A mão invisivel, mas dura da desgraça semeia de espinhos o caminho que tem a percorrer do berço á campa.

Camões vive e morre na pobreza.

Bocage corre o mesmo fado.

Garrett mal se furtá aos tiros da inveja.

Castilho tem de soffrer, ao declinar para o tumulo, os convicios de sicophantas maltrapidos, que emergem da sombra da abjecção para desfolharem a corôa sempre verde das suas glorias poeticas.

Herculano tem de esconder na penumbra de um exilio, disfarçado em vida agraria, o esplendor do seu genio, a sua virtude austera, o seu pensamento elevado, a sua nobre franquesa, a sua hombridade sem igual.

A estes grandes genios tem dulcificado as amarguras o anjo da esperanza, mostrando-lhes os espinhos da sua corôa a desabrochar em flores de luz no decorrer dos seculos.

Mas de todos os escriptores portuguezes nenhum tem Calvario mais erigido de abrolhos, mais aspero de silvas, mais doloroso e mais pungente do que Camillo Castello Branco.

Este grande homem, que teria honrado com seu talento a patria de Lamartine, de Manzoni e de Byron vê erguida constantemente ante si a canna do phariseu fanatico, ou hidrophobo, para o ferir na frente.

Mas elle, o grande luctador, em cujo tumulo o futuro ha de escrever o verso de Dante—Onorate l'altissimo poeta—ou o verso de Tasso—Onorate l'altissimo campione—, sobe immediatamente á brecha e empunhando o latego scintillante de ironia fulmina os javardos, que lhe grunhem á roda, e depois de os ter prostrado com golpes mortaes, enterra-os no pó da abjecção e continua triumphantemente o seu caminho.

E comtudo, doe-nos tanta ingratidão. Deve-se mais respeito ao genio; deve-se mais respeito ao estudo; deve-se mais respeito ao trabalho.

A vida das letras tem de si mesmo aspereza e ingratidões; e n'um paiz civilisado nunca um homem de bem viria augmentar-lhe as improbas difficuldades, cubrindo de apódos a frente que se curva ao jugo da sciencia e das letras.

Em Portugal, porém, pululam os invejosos, os vermes que se insinuam no calix e na corolla da flor do genio, para lhe absorverem o mel do nectario e roerem o manto de setim.

Quando Pelletan disse, que ao homem que nasce para as letras melhor fóra que a mãe lhe torcesse o pescoco ao nascer, decididamente fallava para Portugal.

Pelletan mandava n'essa sentença uma sua prophécia posthuma para Camillo Castello Branco.

Mas não se desalente o valoroso campeão; se ha aqui d'estes zoilos, que seguem o seu carro de victoria para lhe desluzir a magnificencia dos triumphos, ha tambem a nação inteira que lhe bate as palmas, que lhe atira corôas de louro e que desejava que todo o paiz fosse o jardim das Hesperides para colher as flores da gratidão, e engrinaldar com ellas aquella cabeça tão admiravel e tão admirada.

SOPHIA AMELIA.

ATRAVEZ DO BINOCULO Theatro de D. Maria

O GRANDE HOMEM, comedia em 4 actos, original de Teixeira de Queiroz.

Esta comedia, onde fazia as suas primeiras armas no theatro um escriptor de raça, começou a agitar os espiritos mesmo antes de interessar os espectadores.

A Havaneza servia-a á discussão, em pequeninas dozes de cavaço, nos entre actos da politica.

O *Grande Homem*, posto que não passasse de uma obra de arte, devida á applicação de um litterato, permittiu-se o arrojo de eclipsar por algumas horas o attractivo ministerial da *forçada* e o derivativo da *bilis* da opposição, distillando gotas corrosivas na esponja absorvente do *imposto de rendimento*.

O nome do grande psychologo dos *Noivos*, um admiravel estudo positivista diluido na tela opalinizada do romance, valia talvez menos para a maior parte das pessoas que se interessavam pelo exito da comedia, do que o facto capital de se dizer á bocca pequena que ella era, nem mais nem menos, do que uma bomba de dyna-

mite, cujos estilhaços abriam gilvazes na fronte augusta de varios politicos de polpa.

Sim, a Havaneza e o Gremio, esses dois arcopagos illustres, aromatisados pelas violetas orvalhadas e pelos charutos caros, apoplecticos de artigos de fundo embryonarios e de phrases idiotas, onde se analysam os altos destinos da patria, miniaturizada em S. Bento, e os escandalos pequeninos da vida lisbonense, conglobados em S. Carlos, dispensando-se de penetrar no sagrado mysterio da investigação scientifica, que determina a orientação de escholares, e á qual parece que não poderiam eximir-se tratando-se da obra de um soldado da nova legião realista, abandonaram-se pelo contrario exclusivamente á curiosidade indiscreta que fareja allusões picantes e carapuças viaveis.

Eis aqui porque n'este bello paiz onde floresce a lorangeira, como na canção de Mignon, é incomparavelmente mais facil a um escriptor fazer a sua reputação alinhavando á pressa tres adjectivos contudentes do que imprimindo a scentilha creadora do seu talento em um bello livro reformador. É triste mas é verdadeiro!

Deixando, porém, commentarios intimos e perfeitamente inuteis, voltemos ao *Grande Homem*.

A anciedade da publica expectativa dispensou a Joaquim de Almeida, em beneficio do qual a comedia de Bento Moreno subiu pela primeira vez á scena, uma sala litteralmente cheia.

Políticos, jornalistas, escriptores, a *jeunesse dorée* do Martinho, — calvas marfneas mesclando a massa negra dos fracks e dando um bello relevo poderoso ás trunfas juvenis — todos aguardavam com pruridos de curiosidade ávida.

O panno subiu magestosamente, no meio do silencio solemne que precede os grandes acontecimentos, e a comedia de Teixeira de Queiroz começou a representar-se.

Comedia? escrevemos nós, perdão, não é isto positivamente o que queriamos dizer.

— Não é comedia, observará o leitor, n'esse caso é drama, mello-drama ou tragedia?

Tambem não.

(*Assignante das Ribaltas, levantando o indicador para o cartaz e vibrando-nos um olhar interrogador*):

— Falle!

— Fallarei, já que assim se faz mister, como se dizia nas velhas chronicas realengas.

Francamente, o *Grande Homem* não é comedia, não é drama, não é tragedia é... (digo?) é... um artigo de fundo, um primoroso e espirituosissimo artigo de fundo dividido em 4 actos. E isto que parece, e que é effectivamente, um defeito no ponto de vista do theatro, foi para Bento Moreno um triumpho sem precedentes.

Porque elle, applicando a um unico personagem a sua poderosa analyse naturalista, a sua delicada intuição psychologica, descuando os efeitos e dispensando a technologia do palco, conseguiu mesmo assim interessar-nos profundamente, arrancar-nos applausos convictos e transmittir-nos nitidamente o objectivo da sua critica.

Bento Moreno surprehendeu em flagrante a humanidade, como Corot surprehendia a natureza, reproduzindo-a nas suas telas palpitantes de sentimento campestre: um bello dia deparou-se á investigação da sua retina implacavel o politico, sonhando com uma pasta, deslocando-se em salamalecks e desatando-se em discursos para a tarefa improba de pescal-a nas aguas turvas da popularidade. Vel-o e amal-o foi obra de momento.

O romancista da *Comedia do Campo* enterrou o seu bisturi de medico n'esse organismo digno de um estudo anatomico, decompoz, classificou, diagnosticou, e resolveu por ultimo arrancar-o da Camara e expol-o no palco de D. Maria.

Eis aqui porque em torno d'essa figura, que apaixonou o artista, não ha senão esbocetos e tentativas de lances, umas vezes incompletas, outras banaes e outras inverosimeis, como a scena do 4.º acto, em que o visconde da Carregueira, que se nos afigura á primeira vista um *gentleman*, desce ao expediente ignobil de um garoto, rectificando em presença do marido o amor que lhe despertou a mulher e bem assim a individualisação do jornalista, que depois de apresentar-se no 1.º acto como um pensador intelligente, como um homem de bom senso, unico que faz *pendant* á paspalhice ridicula de Mauricio, acaba por exploral-o, apanhando-lhe 100 libras

a troco da promessa de rabiscar no jornal os merecimentos que exalçam o candidato infeliz.

Em compensação da ausencia de efeitos cruzam-se a cada instante no dialogo, uma successão de phrases, de uma critica espi-rituosa e scintillante de humorismo.

Joaquim de Almeida, o unico que obteve no *Grande Homem* um papel completo e logicamente deduzido, confirmou por todas as maneiras a sua elevada reputação artistica. E' indiscriptivel a expressão, eminentemente comica, com que lhe saíram algumas phrases e o gesto e mobilidade physionomica que acabaram de imprimir-lhes o pensamento do auctor.

Brazão, João Rosa, Augusto Rosa, Julio Vieira, desempenharam com o seu habitual talento papeis inteiramente inferiores aos seus complexos dotes.

O mesmo dizemos das actrizes.

Virginia quasi que não chegou a afagar-nos o ouvido com as inflexões aveludadas da sua voz harmoniosa. Emilia dos Anjos, cujo bello talento não tem ha muito occasião de colher novos triumphos, desempenha um pequeno papel de velha; Luiza Lopes pouco ou nada diz, e Emilia Candida apparece de relance, entrando em scena só para ter o pretexto de sair.

*
* *

Theatro da Rua dos Condes

TUTTI-LI-MUNDI, revista do anno de 1880, original de Antonio de Menezes.

Saindo em geral do molde vulgar pelo qual se recortam estas composições scenicas, especialmente no 1.º acto que revela uma fantasia original e um ponto de vista novo, a Revista do theatro da rua dos Condes recommenda-se pela vivacidade inoffensiva e pelas allusões espirituosas.

O primeiro acto, a que já alludimos, é sem contestação o mais bem feito, o que não significa por modo algum que seja aquella que a plateia dos Condes applaude mais.

Os principaes successos do anno passam bruscamente, n'um galope doido, atravez dos vidros de uma lanterna magica, engenhosamente colorida. A monomania pachola em que se transmudou a grande ideia do centenario inspirou ao auctor algumas phrases felizes.

O coro da imprensa, que pela musica não offerece novidade, recommenda-se pelas coplas, que são engraçadissimas, obtendo todas as noutes as honras de bis.

Os coroneis, que já agora ficarão sendo legendarios, comquanto não pertençam á chronica de 1880, forneceram á Revista um episodio, habilmente aproveitado.

Algumas personagens, como o defensor da princeza, as tres velhas que esperam o *grande homem* e outras, de que se poderia tirar grande partido, e que passam quasi desaperecebidas, denunciam a inexperiencia do moço auctor n'este genero de trabalhos.

Entretanto, é inegavel que o sr. Antonio de Menezes possui talento e imaginação, o que o habilitará para futuros empreendimentos onde mais accentuadamente se manifestem essas duas qualidades indispensaveis a um escriptor.

O publico não poupou applausos á nova Revista, ao moço auctor e aos artistas que desempenham os principaes papeis. O scenario do *Tutti-li-mundi*, á parte o panorama do bairro Camões, excellentemente pintado, e o quadro final, é modestissimo.

A guarda roupa, tirando o vestuario da actriz Sophia e o coro da imprensa, é de uma pobreza franciscana.

A actriz Sophia de Oliveira, que fez beneficio com a 3.ª representação da Revista, interpretou distinctamente o personagem da Politica e cantou afinadamente alguns couplets, distinguindo-se nas *malaguenas* finaes, que lhe valeram uma prolongada salva de palmas. O publico festejou-a á sua entrada em scena e offereceu-lhe flores e versos.

Marcellino apresentou uma bella caracterisação de Zé povinho e cantou com muita graça alguns numeros de musica.

Posser deu o relevo apropriado ao seu personagem, engenhosamente imitado.

Faria, Nobre, Silva, Mathias de Almeida e todos mais ou menos concorreram para o successo que a Revista obteve.

G. T.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

A *Historia do Gato Preto*, publicada na nossa folha, inspirou a uma distincta poetisa, que deseja conservar o incognito, o seguinte soneto:

QUEIXA-SE A VISINHA

O' vizinha, não anda, ha tantos dias
um barulho infernal, aqui ao lado?
O demo leve o gato excommungado!
Tenho a cabeça em agua! *que arrelias!*

As joias que a pequena herdou das tias
espatifou-as todas, o malvado!
ralha a avó, berra o pae, tudo assanhado,
até o aguadeiro, o Zé Mathias!

É de mais! eu não fiz tanto alarido
quando o maldito gato, ha mais d'um mez
matou o meu canario; e é bem sabido

que, foi um mal sem cura, foi de vez:
pr'aquelle ha um remedio conhecido,
é ir á Rua Aurea 103.

PIZZICATOS

— Não me explicará, por alguma das suas theorias bizarras, o estranho moyimento que, de anno para anno, se nota n'esses andares do theatro? dizia-me a senhora marqueza de Santar n'uma noite de *Dinorah*, das mais *spleenicas* da epocha.

Era segunda feira, platéa deserta, uma penumbra cabindo das torrinhas, e aqui e além, as boccas dos camarotes sem gente escancaradas, como de animaes bocejantes e escuros. Eu olhava para ella sem perceber bem.

A marqueza juntou:

— Na epocha passada, as Magalhães tinham uma terceira ordem, o n.º 25, se bem me lembro. Pois este anno desceram para a segunda; contrario do que se dá com a viscondessa de R. que passou do primeiro para o segundo andar, tanto na casa que occupava a Buenos-Ayres, como no camarote em que á noite apparecia com... o amigo do visconde.

É evidente que a questão tem por movel o dinheiro. Mas deve haver uma lei que presida a estas deslocções, tão interessantes aos commentarios jocosos.

— De certo. A marqueza explica o phenomeno que tanto parece impressional-a por uma simples lei de physica, lei thermica, fundada em factos triviaes de observação. Já viu ferver uma caçarolla, a marqueza?

— Eu? disse ella a rir. Ora essa! Cuido lá d'isso!

— É simples, todavia.

Supponha que é uma *ménagère* exemplar e pobre; esposa cozinheira, lavadeira, ama de leite e costureira da casa, tudo ao mesmo tempo—como na recita do duque, o anno passado. Por esta fórma, a marqueza terá por vezes de aquecer agua para a labuta cazeira, a uma temperatura talvez, talvez superior á que, n'outro tempo, a chamma dos seus olhos provocava no sangue de muita gente que eu sei. A marqueza era encantadora.

— Seriamente, meu caro?

Palavra. Que fazer então?—Primeiro, lume. Sobre o fogo, uma trempe.

—Trempe! Espere lá. Eu conheço trempe. Ah!... Instrumento de tortura composto de tres peças; isto é, de tres pessoas. Olhe n'aquelle friza, á esquerda, n.º 8. Papá, mamã e a menina. É a trempe aquillo, pois não? Que produziam a loucura ouvidas, aquellas tres boccas, sabia eu. A Castro mais nova, teve a apoplexia a conversar com ellas. Mas que serviam para aquecer agua... nem me passava pela cabeça! Mas é então á prova de fogo, aquella excellente familia?

—A marqueza é cruel na verdade. E se me interrompe, não chegamos ao fim.

— Bem, estarei calada. Estavamos na trempe.

—A trempe é um supporte de ferro, formado por um circulo dentado, que tres pés symbolicos apoiam; percebe? Tem o destino de conservar a uma certa altura do brazido, o vaso em que se cozinha.

— Publicou a definição que acaba de dar-me n'algun *Tractado de Petiscos* illustrado?

Trempe: supporte de ferro formado por um circulo dentado....

Mas isso é esplendido! dizia ella com a sua mordacidade de panthera amimada.

— Sobre a trempe, põe o vaso com a agua que pretende aquecer. Supponhamos essa agua composta de uma serie de camadas, ou discos sobrepostos. Ao fogo, aquece primeiro o disco de baixo, enquanto os mais permanecem frios, porque a agua não aquece ao mesmo tempo em todas as suas camadas; melhor, é má conductora.. Desde que alcança uma temperatura superior á dos seus irmãos, o disco de baixo ensoberbece-se, augmenta de volume, muda de fórma e abala do seu logar subalterno para fixar residencia sobre todos os mais, exactamente como faria o visconde das Altas-Móras n'este caso. Como opéra o velhaquete a contramarcha, atravez territorios albeios?

Muito habilmente. De redondo que era, passou a alongar-se n'um mamillo pequenino. Esse mamillo vae estendendo cada vez mais o cachão. É já um ser aguçado, desde esse momento, ser que possui um tronco e uma cabeça, e que é animado de uma alma; melhor, de uma força que o impelle do fundo do vaso para a superficie.

Então, põe-se a caminho, apoiado á parede resistente do vaso de um lado; empurrando sem cerimonia quem se lembra de lhe toher a passagem do lado opposto. O penultimo disco é agora o ultimo; desde que ganhe calor, elle executa o passo ascencional e vem pezar nos costados do primeiro fugitivo. Os mais, coitados, que hão de fazer? Imitam o que vêem, e desandam a trepar tambem.

— Pobre gente! disse a marqueza, que já se não lembrava do começo da historia. E tem muitos filbos?

Cahia o panno sobre o segundo acto.

*
* *

— Com os assignantes de S. Carlos dá-se o mesmo que com os discos liquidos, minha boa amiga; o mesmo, positivamente o mesmo.

— Com a differença de ser exactamente o contrario, objectou ella.

— Tal qual. O foco calorifico, no nosso caso, é o dinheiro; a caçarolla é a sala de espectáculo; quanto aos assignantes, elles fazem o papel das camadas de agua. Desce-se das ordens superiores para as mais.. decentes, á medida que se vae aquecendo, isto é, que os rendimentos augmentam— eis o caso das Magalhães. Sobese, no caso contrario— eis o caso da viscondessa de R.

— Essa mesmo a subir... *desce*.

— Infelizmente.

— Para qual dos dois? Para o marido ou para o amigo do visconde?

— Lá entrou o segundo.

— Que deixou o primeiro á banca de jogo do Gremio. Tudo isto afinal me diverte.

— Pois eu fico triste, marqueza.

— Por não ser intimo do visconde, ou por cogitar na decadencia dos bons costumes?

— Se fosse amigo do visconde...

— Lambareiro!...

— Não queria dizer isso.
 — Então?
 — Se eu fosse amigo d'elle, avisava-o.
 — Mas o outro começou assim.
 — Se me não attendesse, dava-lhe uma bofetada.
 — Rasgo da Edade-Media. O amigo do visconde, se alguma face manchou não foi a do marido, foi a da mulher. — E garotamente, a marquezia disse:
 — Com um beijo! Nada mais natural. — E a rir:
 — Ora adeus! Fallemos n'outra cousa, meu caro. Os senhores são todos o mesmo.

VALENTIM DEMONIO.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

CANÇÃO DO REI DE THULE

Houve em Thule certo rei
 fiel em extremo á consorte,
 e da qual herdou por morte
 um copo de ouro de lei.

Nada este mimo igualava,
 sempre por elle bebia,
 e o pesar que então sentia
 nos seus olhos marejava.

Já proximo á ultima hora
 Os seus herdeiros chamou,
 ouro e terras lhe doou,
 menos o copo que adora.

E na sala nobre, erguida
 no seu paço, á beira mar,
 entre os seus se vae sentar
 em festim de despedida.

Eis o copo a encher começa,
 esgota-o até ao extremo,
 e n'um alento supremo
 logo ás ondas o arremessa.

Quiz vel-o ainda affundir
 d'esse abysmo nos escolhos,
 sumiu-se... fechou os olhos
 pr'a nunca mais os abrir.

HENRIQUE DE ALBUQUERQUE.

RUMORES DOS PALCOS

A esplendida opera *Amlet*, actualmente em ensaios no nosso theatro lyrico, foi escripta pelo celebre maestro francez, Ambroise Thomas, auctor da *Mignon* e de outras bellas operas, para a abertura da *Nova Grande Opera* de Paris (Academia de musica) em

1868, obtendo um successo colossal, tendo por interpretes a Nilson e a Ghemair, Faure, Obin e David, actualmente aqui escripturado.

Esta opera grandiosa faz hoje parte do repertorio dos theatros italianos de S. Petersburgo, Londres, etc., tendo sido cantada com grande exito em todos os principaes theatros de Italia, taes como *Apollo de Roma*, *Regio de la Pergola* e *Regio de Turim*, obtendo em todos os mais extraordinarios successos.

São seus interpretes em Lisboa: Vitali—Ofelia, Pantaleoni—Rainha de Dinamarca, Pandolfini—Amlet, David—Rei de Dinamarca, etc.

Ambroise Thomas é director do conservatorio de Paris, onde foi substituir o celebre Halévy, que além de muitos outros discipulos notaveis, foi mestre do nosso chorado e talentoso amigo, Cossoul.

*
* *

Sousa Bastos realisa a sua festa artistica no theatro do Principe Real em a noute de 4 de março. Representa-se por uma unica vez o drama original do illustre escriptor, *Os ladrões de Lisboa*, sendo interpretes do mesmo, Antonio Pedro, Amelia Vieira e outros actores pertencentes ás companhias do Gymnasio, Recreios, Rua dos Condes e Principe Real. Os intervallos serão preenchidos pelos mais festejados artistas dos nossos palcos.

*
* *

Obteve um grande successo em Milão a nova opera ligeira de Usiglio — *Le donne curiose*.

*
* *

A cantora Donadio, que ouvimos ha tempo no Colyseu, vae debutar em Turim no *Amlet* de Ambroise Thomaz.

*
* *

O *Mephistopheles* de Boito, que será de certo um dos maiores successos do nosso theatro lyrico e uma das mais florentes coroas da grande cantora, Herminia Borghi-Mamo, subirá á scena logo depois do carnaval.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

LIVRARIA CHARDRON—Editor
PORTO

Ultimas publicações

THOMAZ RIBEIRO		da edição mais incorreta e augmentada	200
D. Jaime , poema, sexta edição, corrigida e annotada pelo auctor, 1 vol.	800	Eccos humoristicos do Minho á numeros	400
Sons que passam , terceira edição, 1 vol.	600	Luiz de Camões , notas biographicas, 1 vol.	400
Vesperas , poesias dispersas, 1 vol.	15200	EÇA DE QUEIROZ	
CAMILLO CASTELLO BRANCO		O primo Bazilio . Segunda edição, revista, 1 vol. de 608 pag.	15000
Eusebio Macario , romance realista, 1 vol.	800	O Crime do padre Amaro , scenas da vida devota, 1 vol. de 674 pag.	15200
A Corja , romance realista, continuação do «Eusebio Macario» 1 vol.	800	O mandarim , conto phantastico, 1 vol.	500
Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brazileiros, 1 vol.	15200	GUIOMAR TORREZÃO	
A Senhora Rattazzi . Segun-		Almanach das Senhoras para 1881	240

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e do reino.

HISTORIA DE UM GATO PRETO

6.º SONETO

Falla o sachristão da freguezia:

Minha illustre senhora, em quem se atiga
 A fé de Christo e o odio á fé dos moiros,
 Sei que o gato lhe deu cabo dos oiros,
 Com que vossa excellencia ouvia missa.

O demonio, que as almas nos cubiga,
 (E longe vão, senhora, os meus agoiros!)
 Suspeito que lhe entrou dentro dos coiros
 Como as lagartas entram na hortaliça.

Entendo que mandar benzer o gato,
 Para que não repita o que já fez,
 É prova de juizo mui sensato.

Que todos louvarão, — menos, talvez,
 O homem do pregão do oiro barato
 Com loja na rua aurea 103.

(Para domingo... cá uma coisa...).

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º